

ENTRADA LIVRE
SEGUNDAS-FEIRAS, 20H30

CINEMA PORTUGUÊS / VOL.III

SELEÇÃO DE FREDERICO CORADO

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO, DE 2025 - 20H30



“Os Imortais”, de António-Pedro Vasconcelos

Realização: António-Pedro Vasconcelos; Assistente de realização: Jorge Costa, Francisco Antunes, Martim Corrêa; Argumento: António-Pedro Vasconcelos, Colaboração no argumento: António Tavares Teles, Vicente Alves do Ó, Clare Downs; Fotografia: Barry Ackroyd; Decoração: João Calvário, Kika Costa Campos; Adereços: Pedro Santarém; Figurinos: Cynthia Dumont; Assistente de guarda-roupa: Isabel Boavida, Margarida Ruas, Maria do Mar; Cabelos: Sano de Perpassac; Maquilhagem: Katja Reinert-Alexis; Música: Gast Waltzing; Montagem: Scott Thomas; Assistente de montagem: Pedro Marques, Jean-Luc Simon, Misch Bervard, Isabel Reis; Som: Carlo Thoss; Assistente de som: Elsa Ferreira; Efeitos sonoros: Ruth Sullivan, Michelle Chan; Produção: Jani Thiltges, António da Cunha Telles; Co-produtor: Julie Baines, Jason Newmark, Luís Galvão Teles, Luís Bordalo Silva, Claude Waringo; Direcção de produção: Antónia Seabra, Jean-Luc Zehnter; Chefe de produção: Paulo Guedes, Vasco Mensurado; Efeitos especiais: Olivier de Laveleye, Marie-Pierre Franckx, Atílio Silva, Sérgio Silva, Manuel Jorge Com: Assumpta Serna (dobragem: Paula Guedes), Joaquim de Almeida (Roberto Alua), Emmanuelle Seigner (Madeleine Durand), Nicolau Breyner (Joaquim Malarranha), Rogério Samora (Horácio Lobo), Rui Unas (Vitor Pratas), Filipe Duarte (Abel Cavaco), Joaquim Nicolau (Sérgio Mano), Paula Mora (Filó), Ana Padrão (Sara), Alexandra Lencastre (Maria Antónia), Maria Rueff (Severina), José

Mora Ramos (capitão Alves), Carla Salgueiro (Dora), São José Correia (Inês), André Jung (Daniel Durand), (dobragem: Luís Lucas), Rui Luís Brás (inspetor Figueiredo), Sofia Grillo (Joana), João d'Ávila (padre), José Topa (Arroz), Carlos Areia (Evaristo), Carla Lupi (Rosa), Natalina José (Júlia), João Lourival (empregado Yate Ben), Silva Heitor (homem café), Adalberto Varela (Joca 14 anos), Ricardo Pereira (repórter TV), Sónia Lima (Sandra), Sílvia Valentim (Neusa), Jean-Paul Bucchieri (mecânico), Carlos Fino (apresentador TV), João Luís (patrão café), Dicota (homem Chang'ra), Patrícia Figueira (empregada garagem), Henrique Macedo (inspetor Semedo), Paulo Alexandre (agente Judiciária), Patrícia Adão Marques (entrevistadora TV), Sónia Cláudia (rapariga Chang'ra), Hoji Fortuna (Matateu), etc.

Duração: 123 minutos; Estreia: 7 de novembro de 2003



Último Hurrah!

Há outro ecrã mais próximo, outra hipótese de filme dentro do filme: uma história sobre a guerra que não acabou na cabeça de um grupo de homens, quatro ex-comandos, Roberto (Joaquim de Almeida), Horácio (Rogério Samora), Vítor (Rui Unas) e Joaquim (Sérgio Mano), inconformistas que, na pasmaceira lisboeta, 1985, comemoram os feitos do ex-Ultramar, rodeados de mulheres tão desesperadas quanto eles, planeando assaltos a bancos - inconformistas, mas irremediavelmente derrotados.

A ser assim, este outro filme que existe dentro de "Os Imortais" (adaptação livre do romance "Os Lobos não Usam Coleira", de Carlos Vaz Ferraz) estaria próximo de "Inferno", de Joaquim Leitão (1999). No filme de Leitão, a masculinidade em perda explodia em sangue; em "Os Imortais" ela é menos visceral, porque já é um fantasma - como imagens de um outro mundo, de uma fantasia, ou de um sonho. É aqui que entra em cena Joaquim Malarranha, inspector da polícia à beira da reforma. Malarranha (Nicolau Breyner) cruza-se com esse grupo de quatro guerreiros, mas é mais do que acaso, curiosidade ou até dever profissional que o faz fixar-se neles; é uma empatia com a tragédia (um filho morto em África, sabe-se depois), uma admiração por um heroísmo funesto (uma obsessão pelas sombras, como um viciado em filmes?).

É que Malarranha, que se aproxima de um ocaso da sua vida, é um "voyeur" - cansado, mas ainda assim "voyeur" - de heroísmos alheios. Numa Lisboa provinciana e pequeno-burguesa, um mundo que também está a acabar, Malarranha - e a sua companheira de um "affair" nunca resolvido, Filó (Paula Mora) - faz o seu próprio filme. Como se fosse a possibilidade de também ele simular um "último hurrah!". Onde cabem heróis e mulheres fatais (Madeleine/Emmanuelle Seigner) - Malarranha será uma espécie de actualização, mais cansada, da personagem de Pedro Oliveira em "O Lugar do Morto", já que ambos são, à sua maneira, obcecados por imagens de um "film noir"?

É este "filme", esta corrente subterrânea - entre a ligeireza e a gravidade; nunca se decidindo entre a reconstituição de uma banalidade ou a evocação de espectros (como o cinema de Truffaut, afinal, um dos cineastas de cabeceira de APV) -, o mais interessante que existe dentro de "Os Imortais". Que não evita ser guilhotinado pelo dispositivo de "flashbacks" que cria - há personagens episódicas que parecem ter sido sacrificadas ou então criadas pela construção do filme, que começa por dar a ideia de que é enebriamento formal mas rapidamente se transforma em automatismo. Os quatro "imortais", por exemplo, deveriam ter mantido a consistência de silhuetas - por isso soa a falso, desnecessário, o momento de redenção permitido à personagem de Joaquim de Almeida. Mas há um casal comovente - são fabulosos Nicolau Breyner e Paula Mora - num daqueles amores tristes que já não chegam à noite porque se gastou nos beijos do meio-dia.

Vasco Câmara

Público, 06 de Novembro de 2003



Filmografia de António Pedro Vasconcelos

"Km 224" (2022); "Parque Mayer" (2018); "A Voz e os Ouvidos do MFA" (doc, 2017); "Amor Impossível" (2015); "Os Gatos Não Têm Vertigens" (2014); "A Bela e o Paparazzo" (2010); "Call Girl" (2007); "Milú, a Menina da Rádio" (doc, 2007); "Os Imortais" (2003); "Jaime" (1999); "Aqui D'El Rei!" (1992); "O Lugar do Morto" (1984); "Oxalá" (1980); "Cantigamente" (série TV, 1976); "Emigrantes... e Depois?" (1976); "Adeus, Até ao Meu Regresso" (1974); "Perdido por Cem" (1973); "Fernando Lopes Graça" (1971); "A Indústria Cervejeira em Portugal" (curta doc, 1967).



“Máscara de Aço Contra o Abismo Azul”, de Paulo Rocha (1987)

Realização: Paulo Rocha; Assistente de realização: Luís Alvarães; Colaboração especial: António Escudeiro, Artur Moura, Luíza Neto Jorge, Manuel João Gomes; Argumento: Paulo Rocha; Direcção de fotografia: Daniel Del-Negro; Cenários: Luís Monteiro; Assistente de decoração: Francisco Caldas; Figurinos: Inês Simões; Música: Paulo Brandão; Montagem: Manuel Mozos; Assistente de montagem: Vítor Moreira; Som: Vasco Pimentel; Direcção de produção: João Pedro Bénard; Produtor delegado: Luís Avelar; Pós-produção de som: João Gaspar

Com: Vítor Norte (Amadeu de Souza Cardoso), Fernando Heitor (Máscara de Aço), Inês de Medeiros (Abismo Azul), Miguel Guilherme (Almada Negreiros), José Viana (médico), Henrique Viana (tio Francisco Cardoso)

Duração: 64 minutos; Primeira exibição pública em Portugal: 30 de Setembro de 1988 (Cinemateca Portuguesa - Lisboa); Data de estreia: 20 de Novembro de 1988 RTP2

Com Máscara de Aço Contra Abismo Azul, Paulo Rocha cria um objeto cinematográfico profundamente singular, entre o ensaio e a evocação teatral. Partindo das personagens inventadas por Amadeo de Souza-Cardoso, Máscara de Aço e Abismo Azul, Rocha constrói uma colagem de documentos, sons, vozes e imagens que dialoga com o espírito do modernismo português, mais do que o representa.

O filme funciona como uma ópera de fragmentos, um “teatro musicado” em que o passado artístico de Portugal é revisitado através de gestos de montagem e de encenação. Em vez de narrar, Rocha associa: planos, pinturas, vozes, memórias. O resultado é um filme de ritmo hipnótico, onde o experimentalismo formal é também um gesto político, o de libertar o cinema português da sua rigidez realista, aproximando-o de uma experiência sensorial e poética.

As máscaras de Amadeo tornam-se metáforas do próprio cinema de Rocha: a máscara de aço representa a estrutura, a herança e o peso da história; o abismo azul é o salto, o risco e a vertigem da criação. Entre ambas, o realizador encontra o seu território: um cinema que pensa a identidade portuguesa através da sua tensão entre tradição e modernidade, entre o fixo e o fluído.

Não é um filme de fácil acesso, a sua fragmentação e o seu tom ritual afastam o espectador que procura uma narrativa linear, mas é uma das obras mais livres e inventivas do cinema português dos anos 80. Rocha, aqui, parece filmar o próprio impulso criador: um cinema que se recusa a explicar, preferindo sugerir, ecoar e convocar.

Máscara de Aço Contra Abismo Azul é, em última análise, um diálogo entre artes, a pintura, música, teatro e cinema e um tributo à inquietação modernista. Uma obra que confirma Paulo Rocha como um cineasta que nunca procurou apenas filmar a realidade, mas reinventar a própria ideia de imagem.



Filmografia de Paulo Rocha

1963 - "Os Verdes Anos"; 1966 - "Mudar de Vida"; 1966 - "Como Servir o Vinho do Porto" (curta-metragem); 1971 - "Sever do Vouga - Uma Experiência" (curta-metragem); 1971 - "Pousada das Chagas - Uma Representação sobre o Museu de Óbidos" (curta-metragem); 1982 - "A Ilha dos Amores"; 1984 - "A Ilha de Moraes"; 1987 - "O Desejado ou As Montanhas da Lua"; 1988 - "Máscara de Aço Contra Abismo Azul"; 1993 - "Oliveira, l'Architecte"; 1993 - "Portugaru-san - O Senhor Portugal em Tokushima"; 1995 - "Shohei Imamura, le Libre Penseur"; 1998 - "Camões - Tanta Guerra, Tanto Engano"; 1998 - "O Rio do Ouro"; 2000 - "A Raiz do Coração"; 2001 - "As Sereias" (curta-metragem); 2004 - "Vanitas ou O Outro Mundo"; 2011 - "Se Eu Fosse Ladrão... Roubava"

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 2025

CINEMA PORTUGUÊS Vol.III - Sessão Dupla, 20H30 (entrada livre)

“UMA VIDA NORMAL”, de Joaquim Leitão (1994)

“PEIXE LUA”, de José Álvaro Morais (2000)